



Estética como ética: a retomada do Humanismo por meio do belo

Vanessa Alves Nabarros ¹

Resumo: Este trabalho é um estudo bibliográfico que possui o objetivo de retratar a influência da estética na construção do ser humano, fazendo um breve percurso no Humanismo Renascentista e dialogando com a OntoArte, a arte do ser, onde a primeira obra de arte deve ser criada no próprio mundo interior. O escopo é de empregar o belo como ética de vida.

Palavras-chave: Estética; Ética; Belo; Humanismo; OntoArte.

Esthetics as ethic: the recovery of humanism through beauty

Abstract: This work is a bibliographic study that has the objective of portraying the influence of esthetics in the construction of the human being, making a short course in Renaissance Humanism and dialoguing with OntoArte, the art of being where the first work of art must be created in the own inner world. The scope is to set the beauty in the life's ethic.

Keywords: Esthetics; Ethic; Beauty; Humanism; OntoArt.

¹ Empresária, graduada em Moda, estudante do Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: vanessanabarroshotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O homem, desde a Antiguidade, se volta para as questões estéticas, não vivendo somente para cumprir funções biológicas, mas buscando o fazer estético, o prazer, a poesia e a música da vida. Essa busca faz parte da ética humana, aliada à estética, ou seja, daquilo que motiva o ser humano a obter o máximo de beleza do mundo, não só exterior, mas também do íntimo de cada pessoa.

A Ontopsicologia, retomando os princípios do Humanismo², coloca novamente o homem como o principal protagonista na sua existência, dando a capacidade ao homem de alcançar o ser que ele mesmo é.

A Ontopsicologia é a descoberta e renascimento do humanismo radical, capaz de poder entender as tantas variáveis históricas que de qualquer maneira contém (...), a Ontopsicologia reconecta o humanismo sob e dentro da hierarquia do ser. O humanismo é o real valor se articula como resposta funcional e encontra a própria identidade de valor somente se sincronizado ou sintonizado as exigências fenomenalizadas da essência do ser. É uno, bom, verdadeiro, belo (MENEGHETTI, 2014, p. 136).

A Ciência Ontopsicológica responsabiliza o homem em fazer da estética uma ética, ou seja, buscar o belo como motivação do viver e do contínuo agir. Ao observarmos a natureza, percebemos que existe uma ordem de funcionalidade que garante também beleza e perfeição.

Esse artigo é um pequeno ensaio escrito por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como núcleo das coletas de informação conteúdos específicos da Ciência Ontopsicológica. Depois de pesquisado, estudado e redigido algumas definições da estética e do belo, tecemos um breve relato histórico sobre o Humanismo e o Renascimento, demonstrando sucintamente trechos da vida de artistas do ápice renascentista, quando foi alcançada a perfeição na arte. Esse percurso leva até onde chegou a Ontopsicologia³ com a OntoArte, mostrando como cada ser humano é o protagonista responsável na construção da sua própria obra de arte de vida.

2 IDEIAS SOBRE A ESTÉTICA E O BELO

Etimologicamente a palavra estética tem origem do grego, αισθανομαι, e significa perceber o dentro com inteligência e prazer dos sentidos. Tudo aquilo que causa sensibilidade, que gera algum sentimento é considerado como estético. O filósofo Immanuel Kant definiu estética como sendo a ciência que trata das condições da percepção pelos sentidos (ABBAGNANO, 2000).

² Humanismo histórico, clássico, civil e Humanismo Perene.

³ A Ontopsicologia é psicologia do ser, que analisa o evento homem no seu fato existencial e histórico; analisa o valor positivo e criativo presente em cada ser humano (MENEGHETTI, 2010).

A estética é a sensibilidade ao belo. O belo por sua vez, é tudo aquilo que está em ordem ou em harmonia. Dessa maneira, tudo aquilo que está em desordem não é belo. Deve-se construir a vida, o fazer estético da vida, ser um esteta da própria vida. O que é belo pertence ao ser, ele não pode viver entre desarmonia e desordem. A história de cada um deve ser construída como se fosse uma obra de arte, pois todo o homem recebeu a tarefa de ser o artista da própria vida.

A estética é o primeiro elemento na vida, não é o ato de comer ou de beber, mas sim é como ser belo. Se observarmos as flores e os animais, eles se cuidam sempre para ser o mais belo possível, e o fazem melhor do que os humanos (MENEGHETTI, 2004, p. 233).

A estética tem uma elegância que garante o destaque. A dignidade de uma pessoa pede o respeito de todos, isso a faz ter uma educação, o espaço de uma pessoa inteligente: saber vestir, falar, ter cultura. A realeza ainda existente hoje no mundo chama atenção justamente por ainda cultivar esses valores. Os jornais dão destaque para as roupas que usam as rainhas e princesas, para os casamentos que são realizados aos antigos moldes com grandes pompas. As pessoas se nutrem desse requinte, justamente pelo apelo estético: é belo.

As pessoas nascidas na Europa, por exemplo, são apreciadoras da arte por natureza, são educadas para ter um olhar diferenciado, já que cresceram cercadas de história e grandes obras nas ruas e em diversas galerias de arte de fácil acesso. Diferente de alguém que nasce num país muito pobre, que tem seu olhar voltado exclusivamente para sobrevivência, não tendo oportunidade para aperfeiçoar sua sensibilidade com a educação que merece.

De acordo com o Dicionário de Filosofia é a partir do século XVIII que a noção de belo coincide com a noção de objeto estético. Na Ontopsicologia, o belo é equilíbrio perfeito de diversos componentes proporcionais ao resultado de uma unidade formal, portanto faz estética, então belo e estética são a mesma coisa: é uma perfeição que se exterioriza (MENEGHETTI, 2010).

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define o belo como algo que tem forma ou aparência agradável, perfeita, harmoniosa; que desperta sentimentos de admiração, de grandeza, de nobreza, de prazer, de perfeição. O belo é usado para expressar algo que nos agrada, que satisfaça os sentidos.

O belo é quando se determina um refinamento das funções, dos sentimentos, do modo de compreender, de amar, de viver da pessoa. É tudo o que comporta a faculdade de colher mais horizontes de ser. De prazer em prazer, o indivíduo faz-se autogenético do ser. Nesse ponto a função torna-se estética, gera luz (MENEGHETTI, 2003, p. 104).

Na Grécia Antiga, na visão de Sócrates, o belo era uma concordância observada pelos olhos e ouvidos, ou seja, por meio dos sentidos. Para reproduzir coisas belas, o artista teria que recorrer à reunião de várias belezas espalhadas na natureza, pois a beleza ideal é a reunião dos fragmentos que compõem a natureza caminhando no sentido da desordem para a ordem. Para encontrar o belo é necessário caminhar pela estrada do conhecimento (ABBAGNANO, 2000).

Platão afirmava que o belo está coligado a uma essência universal e não depende de quem observa, pois está contido no próprio objeto, na criação. Para ele tudo o que existe no mundo sensível é apenas uma cópia do que está no mundo das ideias: o belo é a verdade, a manifestação do bem (ABBAGNANO, 2000).

Para Aristóteles o belo é apresentado como simetria: o belo consiste na ordem e na grandeza. Aristóteles pensou no belo a partir da realidade sensível e ao contrário de Platão deixou de lado o abstrato por algo definitivo, concreto. Assim, o belo se torna realidade, se materializa. A ideia aristotélica estaria ligada à perfeição e nos critérios de medidas e proporções, havendo assim uma harmonia entre as partes (ABBAGNANO, 2000).

A motivação psicológica ao belo de todos os seres humanos é que, enquanto eles existem, são compelidos a serem belos, porque quem os colocou e os faz subsistir é belo: o ser é belo, tudo o que lhe pertence, tudo o que, de algum modo, ainda existe, no âmbito em que é existe, é compelido ao belo (MENEGETTI, 2010, p. 471).

O Renascimento retoma o pensamento dos filósofos da Antiguidade, busca no passado greco-romano os elementos para fazer um novo movimento, e a palavra chave para compreender a era renascentista é o Humanismo.

O Humanismo pode ser definido como um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas e valores morais. Para os humanistas, os seres humanos são os responsáveis pela criação e desenvolvimento destes valores. O Humanismo se desenvolveu e se manifestou em vários momentos da história e em vários campos do conhecimento e das artes.

Surge, então, o Renascimento, uma nova forma de pensar que nasceu entre os anos de 1300 e 1400 na Itália. Até então a visão teocêntrica de mundo estava nas ciências, nas artes, na cultura, no dia a dia e nos costumes. Para se lançar ao conhecimento do mundo e às coisas do homem, o movimento renascentista elegia a razão como a principal forma pela qual o conhecimento seria alcançado. A partir do século XV artistas e estudiosos de todo o mundo ocidental foram atraídos para os centros de arte e educação germinados na Itália, que se tornou o berço da Renascença, período de florescimento artístico e cultural. A renascença foi

a redescoberta do aprendizado e da cultura clássica, o renascer do homem como sendo tão divino quanto Deus.

Esse foi um período da história europeia marcado por um renovado interesse pelo passado da antiguidade clássica, especialmente pela sua arte. Os escritores e artistas renascentistas fizeram renascer os valores humanistas da cultura greco-romana. O antropocentrismo guiou o desenvolvimento intelectual e artístico desta fase. Também a exploração de novos continentes e as pesquisas científicas ajudavam o homem a aumentar sua autoconfiança, ao mesmo tempo em que a Reforma Protestante diminuía o poder da Igreja Católica.

Foi na cidade de Florença (Toscana, Itália) que iniciaram os primeiros movimentos do Renascimento, depois se estendeu a Roma e Veneza e por volta de 1500 para os demais países da Europa. Com o estudo do corpo humano e do mundo natural e a intenção de reproduzir com realismo as formas da natureza os artistas evoluíram e os grandes gênios desse período começaram a se destacar: Leonardo da Vinci, Michelangelo e Raffaello.

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi universalmente admirado por sua bela aparência e seu intelecto. Segundo a opinião de um contemporâneo, sua beleza pessoal não podia ser maior, cada movimento seu era pura graciosidade e suas habilidades eram tão excepcionais que ele resolvia prontamente qualquer dificuldade e como se não bastasse cantava divinamente e sua encantadora conversação conquistava todos os corações. Também era fascinado por voo e adorava escalar altas montanhas. Quando via pássaros em gaiolas, pagava ao dono para soltá-los, tem uma frase atribuída a ele que diz: *“e uma vez descoberto o voo, estarás condenado a caminhar olhando para o céu, pois terás descoberto porque os pássaros cantam”*.

Leonardo fez mais que qualquer outro para criar o conceito de gênio-artista. Sua curiosidade era tão grande que as distrações o atraíam constantemente de um projeto incompleto a outro. Menos de vinte trabalhos de Leonardo sobreviveram. Ele morreu aos 75 anos na França, aonde tinha ido a chamado do Rei Francisco I unicamente para conversar. Em seu leito de morte, admitiu que tinha ofendido a Deus e a humanidade por não desenvolver sua arte como deveria. Suas obras mais conhecidas são a Mona Lisa (A Gioconda) e a Última Ceia.

Michelangelo (1475-1564) foi criado por uma ama de leite, nas pedreiras e seu marido era um cortador de pedra. O menino cresceu interessado em escultura, desenho e arte, apesar de levar muitas surras de seu pai e seu tio para ter uma profissão respeitável. Foi apresentado

a Lorenzo Médici, um grande incentivador das artes, que reconheceu sua grandeza e o levou para sua casa para que ele desenvolvesse seu talento.

Era conhecido por ter uma personalidade difícil, se recusava a ensinar aprendizes e não deixar ninguém ficar assistindo enquanto trabalhava. Ao ser questionado o porquê de não ter se casado e tido filhos, respondeu: *“sempre tive uma esposa exigente, minha arte, e meus filhos são as minhas obras”*. Seu humor podia ser cruel, uma vez indagado o porquê de uma coruja, num quadro de outro artista, chamar mais atenção que os outros elementos, ele respondeu que todo pintor faz um bom autorretrato.

Michelangelo representou o ideal do Humanismo, pois conseguiu traduzir a perfeição do que é o homem em suas obras. Costumava dissecar cadáveres para melhor reproduzir os corpos humanos em suas esculturas e pinturas, e pode-se perceber na Galeria Uffizi em Florença, quando se observam as esculturas lá expostas que as obras esculpidas por Michelangelo são um marco: traduzem o corpo humano com real perfeição, mostram músculos e veias perfeitamente transcritos em mármore, coisa que antes de Michelangelo não era comum a nenhum escultor.

No seu afresco na abóbada da Capela Sistina, “Criação de Adão”, também é visível com perfeição o conhecimento que Michelangelo tinha do corpo humano. No corpo do homem nu, mostra o homem no momento em que recebe a vida, com total plenitude os detalhes do corpo. O criador, que estende o braço, lançando o conhecimento, está dentro de um cérebro, que representa a inteligência.

Enquanto Leonardo e Michelangelo eram reverenciados, Raffaello Sanzio (1483-1520) era o mais adorado e popular. Aos 17 anos Raffaello foi considerado um mestre, e aos 26 anos foi chamado a Roma pelo papa para decorar os aposentos do Vaticano. Ele pintou os afrescos, com a ajuda de cinquenta discípulos, no mesmo ano que Michelangelo terminou o teto da Capela Sistina.

Raffaello era rico, bonito e bem sucedido e tornou-se uma estrela na corte papal. Foi um grande admirador das mulheres e sua diversão era estar na companhia delas, o que lhe causou uma morte prematura, aos 37 anos de idade, acredita-se que vítima de sífilis. Era sabido que havia certa rivalidade entre Michelangelo e Raffaello, certa vez Michelangelo indagou Raffaello, que vivia cercado de cortesãos: *“Aonde você vai com tanta gente, tão contente?”*. E este respondeu: *“Aonde você vai, solitário como um carrasco?”*. Sua obra mais conhecida é a Escola de Atenas.

De fato, o artista, quando modela uma obra, exprime-se de tal modo a si mesmo que o resultado constitui um reflexo singular do próprio ser, daquilo que ele é e de como o é. Isto aparece confirmado inúmeras vezes na história da humanidade. De fato, quando o artista plasma uma obra-prima, não dá vida apenas à sua obra, mas, por meio dela, de certo modo manifesta também a própria personalidade. Na arte, encontra uma dimensão nova e um canal estupendo de expressão para o seu crescimento espiritual. Através das obras realizadas, o artista fala e comunica com os outros. Por isso, a História da Arte não é apenas uma história de obras, mas também de homens. As obras de arte falam dos seus autores, dão a conhecer o seu íntimo e revelam o contributo original que eles oferecem à história da cultura (WOJTYLA 1999, p. 63).

O artista deve também observar o estilo de vida, pois um simples erro pode o prejudicar de maneira irrevogável, e isso se torna um agir contra a humanidade, pois é ela quem sofre com a perda de tamanho talento. Observamos que Michelangelo permaneceu fiel ao seu instinto de vida, foi posto em primeiro lugar a inteligência em favor do contributo que poderia dar nas diversas áreas que tinha talento. Raffaello acabou realizando os estereótipos da sociedade, sendo muito ovacionado na corte despertou a atenção das mulheres e ao gastar seu tempo com elas acabou lhe custando a vida. Isso que os diferenciou, fez de Raffaello um talento ao lado dos colegas Leonardo e Michelangelo, que se tornaram gênios e puderam desenvolver as suas inovações não só na pintura, mas em tantas outras áreas, como arquitetura, escultura e poesia.

3 IDEIAS SOBRE ONTOARTE

A arte contemporânea é distinta da arte da Antiguidade, pois por ter perdido a centralização do homem como inteligência e protagonista maior da existência, falsos valores ou memes são ovacionados. Qualquer artista que realize suas obras sob efeito de drogas ou álcool não está produzindo de acordo com a vida, com a sua verdade, pois não se encontra conectado com a sua identidade, o seu projeto de natureza e seu resultado de produção é a exposição de criações não saudáveis aos expectadores.

O grande artista deve aprender a técnica para alcançar uma linguagem através da qual possa exprimir a revelação que sente em si mesmo. É necessário motivar o artista para que seja introduzido a ser o verdadeiro profeta do seu Em Si ôntico e que não insiram um estereótipo de pseudo-arte (MENEGETTI, 2015, p. 139).

A OntoArte é a arte do ser, isso é, fazer a consciência e a vontade do sujeito coincidirem com as iniciativas transcendentais da mediação ôntica (MENEGETTI, 2010). O escopo de todo ser humano é o fazer psíquico como ser estético e na OntoArte, o signo

coincide com o vivente da intuição: protagonista natural é o homem sem mitos, aquele que amadureceu a dimensão ética da própria urgência ôntica, uma arte para o belo, para a vida.

A OntoArte é um movimento artístico, suas obras expressam um formal que estrutura a emoção, ou seja, escreve sinais que a mente cultural colhe, mas que emocionam tons viscerotônicos e ausências racionais (MENEGHETTI, 2010). E são obras percebidas e vividas, vivenciadas pelo ser humano, que nasceu para ser bem sucedido, ser funcional a si mesmo e a sociedade, ser conforme a própria identidade, com o exercício do prazer estético.

Tudo e todos buscam o belo. Na natureza podemos observar que desde as plantas, os minerais, todos buscam a mais perfeita forma; os animais passam horas do seu dia dedicando seu tempo ao fazer estético, pois o belo na natureza significa sadio. Da mesma maneira, para nós humanos, como parte de um projeto de natureza, a carência de estética significa doença, distorção de belo é feio.

O Em Si ôntico⁴ – a identidade de cada pessoa, não se agrada ao viver em desordem, busca a beleza por onde passa. Cabe lembrar que uma das 15 características do Em Si ôntico é *estético*, não lhe agrada o feio, o prazer é atração constante.

O Em Si ôntico é essencialmente estético: joga para ser belo e vencedor, para igualar o seu princípio: quando a parte retorna deve identificar a estética suprema. Cada um de nós é belo segundo o ambiente que frequenta que se constitui. Não é uma beleza absoluta, mas relativa ao ambiente. A natureza repete a si mesma: quem nasce dela, joga sem fim a sua maravilhosa encarnação (MENEGHETTI, 2010, p. 166).

Para fazer-se belo, é importante o cuidado com o estilo de vida e com todos os detalhes do cotidiano, o como vivemos a vida nas atividades de cada dia. Desde o momento em que acordamos, o que decidimos vestir, que caminho seguir para o trabalho, tantas pequenas decisões que se tomam ao longo do dia. Como resolver um problema e chegar ao fim do dia e manter-se em paz?

Para isso devemos cuidar muito bem do miricismo cotidiano. Miricismo é uma palavra de origem latina que significa migalhas. São os detalhes do cotidiano, as pequenas coisas que fazem toda a diferença, ou seja, as pequenas coisas do dia a dia, os merecimentos que devemos ter para alimentar nossa alma e manter a mente em movimento, distraída, pois o ideal humanista do homem superior é um homem que luta, que afronta e supera obstáculos.

Num dia em que se está particularmente cansado, enquanto se lê um texto de Ontopsicologia, o Em Si se aquece, ouve alguém que o chama pelo nome, sente a sua cultura, os seus amigos, o seu habitat e, então, retoma o vigor e sai para fora. Depois de um longo dia é reconstituente ter um momento durante o qual podemos contemplar um contato entre si mesmo e tudo que é. Bastam somente dez minutos.

⁴ Em Si ôntico é um “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGHETTI, 2010, p. 157).

Se agiu mal durante o dia, depois você pode preparar uma pequena janta e se pôr a dormir, não se reergue dos erros de um dia. Em vez disso, lendo, você não encontra o meu ensinamento, mas encontra a si mesmo. Tudo isso é necessário somente se é interessado pela própria vida (MENEGETTI, 2005, p. 171).

O fazer estético na vida de cada pessoa é como um artista pintando seu quadro ou um escultor escolhendo a melhor pedra para esculpir sua obra. As escolhas que são feitas na vida são as que ordenam e dão forma para a mesma na história. Por isso, cada pessoa deve buscar viver em harmonia, no sentido da combinação de elementos ligados por uma relação de pertinência, que produzem uma sensação agradável e de prazer. Da mesma maneira nos tantos pequenos feitos da própria vida, que sinalizam a ordem ou desordem de cada indivíduo, pois como diz Meneghetti (2010), a primeira obra de arte deve ser feita dentro do nosso mundo interior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda individuação é divina e construída belamente, o máximo de prazer e aprimoramento estético, pois a maior obra de arte que o ser humano encontra é aquela que ele faz dentro de si e projeta no mundo exterior, tornando a existência bela.

De modo diferenciado, gostaríamos de finalizar este trabalho com uma bela citação de Plotino, acerca da estética de si mesmo:

E se você se der conta de que ainda não é belo, aja como o criador de uma estátua que tem que ser feita bela: ele corta aqui, alisa acolá, faz esta linha mais leve, aquela outra mais pura, até que um lindo rosto surja em seu trabalho. Faça assim você também: remova tudo o que for excessivo, endireite tudo o que estiver coberto de sombra, empenha-se para transformar tudo numa única incandescência de beleza, e não cesse nunca de cinzelar sua estátua, enquanto não sair dela brilhando sobre você o esplendor divino da virtude, enquanto você não vir à bondade perfeita seguramente estabelecida em seu santuário imaculado (Plotino) (ABBAGNANO, 2000, p. 473).

O estudo terá sua continuidade na pequena tese do módulo 3 do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica.

MENEGHETTI, A. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. **Economia, política, e sociedade hoje**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **Do Humanismo histórico ao Humanismo perene**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

MENEGHETTI, A. **Arte, sonho e sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

Carta aos artistas, Wojtyła, João Paulo II, disponível em <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html> Acesso em: 13 de maio de 2016.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BURCKHARDT, J. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia para uma geração consciente**. São Paulo: Saraiva, 1988.

GAYFORD, M. **Michelangelo, uma vida épica**. São Paulo: Cosac&Naif, 2015.

MENEGHETTI, A. **OntoArte, Arte do ser**. Porto Alegre: Elo, 1999.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice, 2001.

ROLLO, M. **Minha busca da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Vorazes Ltda, 1992.

STRICKLAND, C. **História da Arte Comentada**. Da Pré-História ao Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIDOR, A. **Filosofia Elementar**. Curitiba: Iesde, 2009.